

# OBSERVARE 2<sup>nd</sup> International Conference

2 - 3 July, 2014

## II Congresso Internacional do OBSERVARE

2 - 3 Julho, 2014



## Actas

Universidade Autónoma de Lisboa | Fundação Calouste Gulbenkian

<http://observare.ual.pt/conference>



# Realismo trágico

José Renato Ferraz da Silveira<sup>1</sup>

## RESUMO

Entendemos que os eventos relacionados a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), chamada na época a Grande Guerra, não tenham matado apenas os nove milhões de pessoas. Adotando a mesma linha de raciocínio da revista *The Economist*, as tragédias geopolíticas que seguiram ao conflito tenham proporcionado catástrofes mundiais que repercutem ainda hoje. Nesse sentido, o presente artigo propõe a fundação de uma nova interpretação teórica a partir do paradigma realista: o denominado realismo trágico. Palavras-chave: Fundação. Realista. Realismo trágico.

## INTRODUÇÃO

A tragédia ocorre numa ponte entre o nascimento e a morte. Como diria J. Guinsburg na obra que prefacia *A morte da tragédia* de George Steiner: “a tragédia é o grande espelho do homem em todos os tempos”.

Os eventos que sucedem a Primeira Guerra Mundial são como a pedra atirada nas águas cristalinas de um lago. Diversos eventos estão ligados a Grande Guerra numa relação de causa-efeito. Poderíamos mencionar alguns desses fenômenos para demonstrar a presença imanente do conflito, como elemento indissociável da arena da política internacional. O período entre guerras, no qual surge movimentos nazi-fascistas nos países insatisfeitos dos acordos pós I Guerra Mundial; a II Guerra Mundial que pode ser vista como uma reação alemã as imposições de Versalhes; o processo de descolonização dos países africanos e asiáticos sob o domínio das potências europeias após a II Guerra Mundial; a Guerra Fria como um fenômeno advindo do vácuo de poder deixado pelos países tradicionais – potências europeias - das Relações Internacionais e preenchido por Estados Unidos e União Soviética.

Esses eventos evidenciam a corrente que proponho como variante do realismo: o chamado realismo trágico. Podemos destacar alguns elementos da presente teoria: em

---

<sup>1</sup> José Renato Ferraz da Silveira é professor de Relações Internacionais na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM e líder do Núcleo PRISMA, Pesquisas em Relações Internacionais de Santa Maria. [jreferraz@hotmail.com](mailto:jreferraz@hotmail.com)

primeiro lugar, a orgânica reciprocidade entre política e guerra e, em segundo lugar, a persistência das tensões como uma lógica própria e imperiosa das relações internacionais. Ou seja, a existência dos quatro elementos da equação: indivíduo, sociedade, Estado e guerra pressupõe o potencial permanente de tensões e paradoxos. Na concepção de Chaia (2007, p. 76): “as paixões e as irracionalidades, assim como a fortuna e o destino, impregnam a ação política, e que o ritmo do avanço político e suas razões exigem o consumo da alma e do corpo”.

Neste sentido, o conceito de “política como tragédia” – central nesse estudo - numa tradição que perpassa Maquiavel a Shakespeare, passando por Hobbes e Weber, de Marx a Nietzsche, aponta para a insuficiência das práticas políticas e clarifica que os atores políticos não tem controle absoluto das suas ações. Como atesta Chaia (2012, p. 16): “a imprevisibilidade e o descontrole fazem parte das conjunturas políticas e, também, da existência”.

A política como tragédia é um reino portador de carga de negatividade e minimamente uma esfera de viabilidade.

## DESENVOLVIMENTO

O realismo trágico, dessa maneira, é visto com as seguintes ideias e premissas:

- a) visão pessimista da natureza humana;
- b) convicção de que a política é necessariamente conflituosa;
- c) a tragédia da política está sempre presente no jogo e na disputa pelo poder, ou seja, os conflitos são permanentes e insolúveis;
- d) alianças são instrumentos da conquista e manutenção do poder;
- e) as sombras do poder – via diplomática e espionagem - pela via criminoso e atroz, são traços marcantes da política internacional;
- e) as resoluções de conflitos são insatisfatórias para todos os atores envolvidos;
- f) o acaso e a necessidade de evitar o inevitável são inerentes ao jogo político;
- g) coexistem ruptura e continuidade em momentos cíclicos no qual se alternam, momentaneamente, conforme as circunstâncias históricas;
- h) o jogo das forças de poder é incontrolável, o governante e seus assessores não tem controle absoluto das suas ações;
- i) as dinâmicas internas influenciam a decisão-ação dos atores no palco internacional;
- j) a personalidade, percepção, ação e decisão dos personagens políticos são elementos indispensáveis e categorias analíticas obrigatórias para a análise política;
- l) as velhas e novas guerras fazem parte das conjunturas políticas que atravessam a esfera do poder ou do mando;
- m) o equilíbrio e desequilíbrio político-econômico entre

os atores internacionais são instáveis e o ideal de estabilidade é intangível; n) os atores internacionais possuem perspectivas reduzidas e variadas limitações nos embates do palco da política internacional; o) o progresso e o futuro da espécie humana, bem como das sociedades políticas organizadas, são constituídos de barreiras e fracassos que impossibilitam projetar um cenário otimista; p) a ordem internacional é anárquica, os Estados detêm diferentes capacidades e possibilidades; q) os espirais de cooperação são mínimos e determinados pela lógica de interesse do Estado; r) o poder é o conceito mais importante para explicar e prever o comportamento dos atores internacionais; s) as forças centrífugas (fragmentação) da globalização limitam e/ou impedem os consensos nos arranjos multilaterais;

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O realismo trágico, variação do realismo, é uma tentativa de demonstrar como a força do imponderável e os elementos citados acima estão presentes no jogo da política internacional. Consideramos que os eventos que sucedem a Primeira Guerra Mundial estão ligados como uma teia numa relação causal que demonstram o caráter trágico dos fenômenos internacionais.

Vivenciar a tragédia da política é consentir que o conflito, a perda e o sofrimento humano são inevitáveis, respaldando a afirmação de Nietzsche (1844-1900): “Agora vemos a luta, a dor, a destruição de aparências como necessária, por causa da constante proliferação de formas pressionando em direção à vida, por causa da extravagante fecundidade da vontade do mundo”.

## REFERÊNCIAS

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Coimbra: Minerva, 1999.

CHAIA, Miguel Wady. **Arte e política**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

SILVEIRA, José Renato Ferraz da. **A tragédia da política em Ricardo III**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.

\_\_\_\_\_. **A tragédia da política em Ricardo II**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2014.

STEINER, Georges. **A morte da tragédia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.